

Despedida leva multidão ao Planalto

Com emoção, Brasília reverencia o fundador da Nova República

Quatro horas depois de desembarcar na Base Aérea, o corpo do presidente Tancredo Neves subiu a rampa do Palácio do Planalto às 17h45 de ontem, escoltado por Dona Risoleta e o presidente José Sarney, sob o olhar do povo que se aglomerou desde cedo na Praça dos Três Poderes, mas mantido à distância de pelo menos 100 metros por tropas militares.

Era uma das maiores multidões que a praça acolheu em seus 25 anos e que, disciplinadamente, pôde desfilar diante do caixão presidencial, no segundo andar do Palácio, a partir das 19h40, para reverenciar o morto. A insistência com que o serviço de som do Planalto pediu pressa ao povo diante do corpo de Tancredo Neves não rompeu a disciplina daqueles que visitaram Tancredo noite adentro.

A última presença de Tancredo em Brasília, cidade onde morou 23 anos ininterruptos até a posse no governo de Minas, começou às 13h30 de ontem, no momento em que, escoltado por dois caças Mirage, desceu na Base Aérea o Boeing presidencial com o seu corpo, aguardado por Sarney e sua mulher Marly. Alçado ao Urutu, o corpo de Tancredo percorreu os 20 quilômetros até o Planalto pelas avenidas de Brasília.

CERIMÔNIA

Sempre conduzido por seis cadetes do Exército, Marinha e Aeronáutica, o caixão presidencial desfilou diante das tropas formadas na porta e na rampa do Planalto e, finalmente, entrou no Palácio. "Tancredo preparou-se a vida inteira para entrar neste Palácio, mas nunca poderia imaginar que o faria dessa forma", comentou o deputado mineiro Jorge Vargas, um dos mais íntimos amigos do ex-presidente.

No interior do Palácio, Tancredo recebeu uma salva de palmas das autoridades que lotavam o segundo andar. Em seguida, rezou-se uma missa solene sob o ofício do Arcebispo Dom José Freire Falcão, com a participação da Orquestra de Câmara e do Madrigal da Escola de Música de Brasília.

A orquestra e o madrigal receberam dois dias antes o convite para participar da missa, por intermédio do chefe do Cerimonial da Presidência, ministro Carlos Eduardo Alves de Souza. Tempo suficiente para que o regente Levino Alcântara, diretor da Escola, preparasse um repertório clássico e solene, com peças do padre José Maurício, Palestrina, Damião Barbosa de Araújo e Bach.

A família do ex-presidente e as autoridades principais ocuparam, durante a missa, um conjunto de cadeiras posto ao lado da eça mortuária. Ao final da missa, às 18h35, o cerimonial convidou Dona Risoleta a abrir a tampa do caixão, de modo que o rosto de Tancredo ficasse visível às pessoas que passariam pela eça. A viúva agradeceu e entregou a missão ao seu neto Aécio Neves da Cunha.

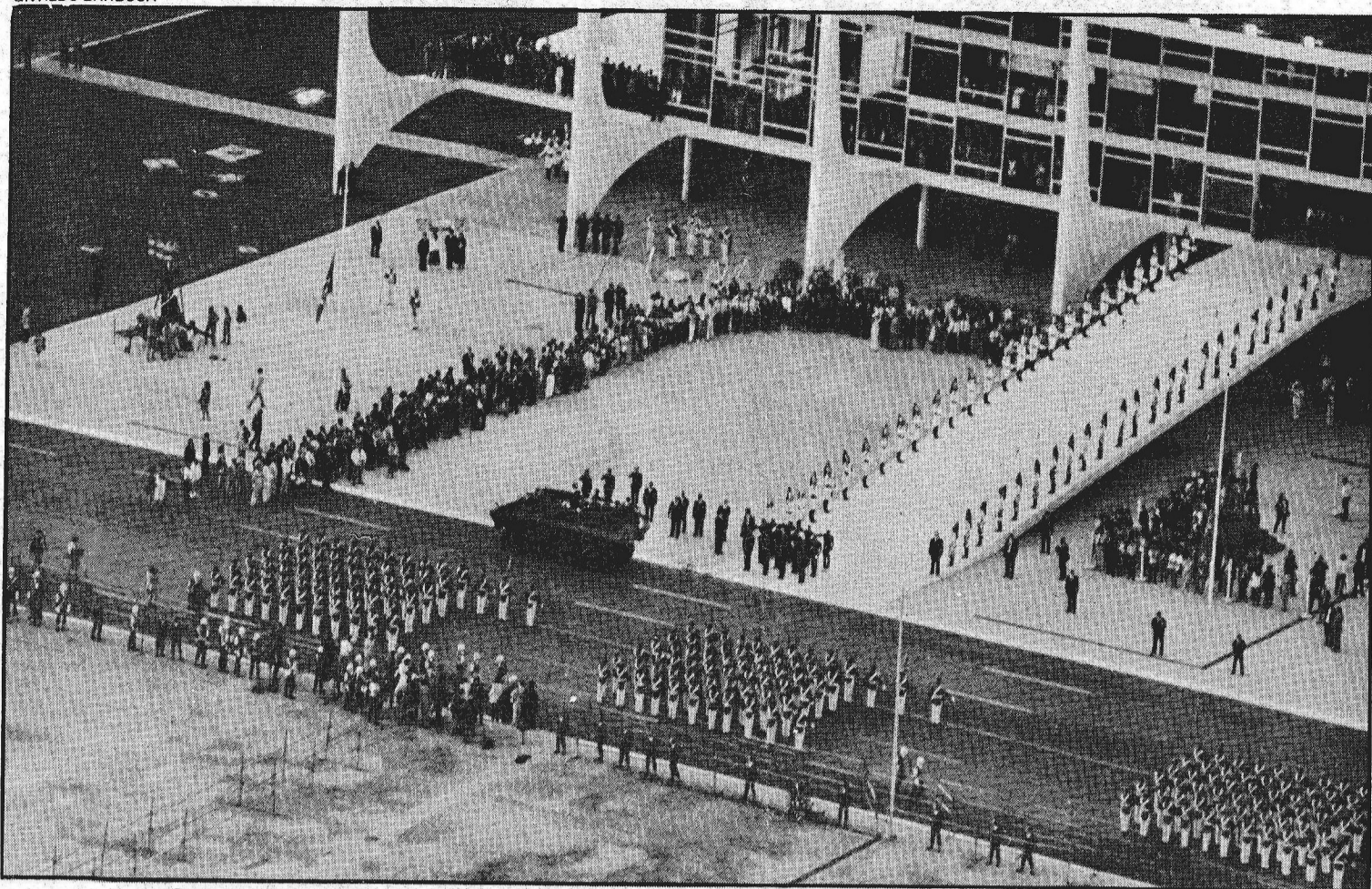
As 19h40, sem as autoridades, o salão foi aberto ao povo durante a noite. O primeiro grupo a passar pelo esquife presidencial reuniu 18 crianças da Escola Classe Rodeador, do setor rural de Brasília. "Tancredo, nós, do campo, continuaremos a semear as tuas idéias e serás imortal", prometia um cartaz nas mãos das crianças, todas com menos de 10 anos.

As 7 horas desta manhã, o acesso ao Palácio voltará a ser bloqueado ao povo, para outra etapa de cerimônias formais. A partir das 8 horas, o presidente Sarney recebe os representantes estrangeiros ao funeral e, depois, dirige a cerimônia de adeus ao caixão, que parte às 11 horas rumo a Minas Gerais.

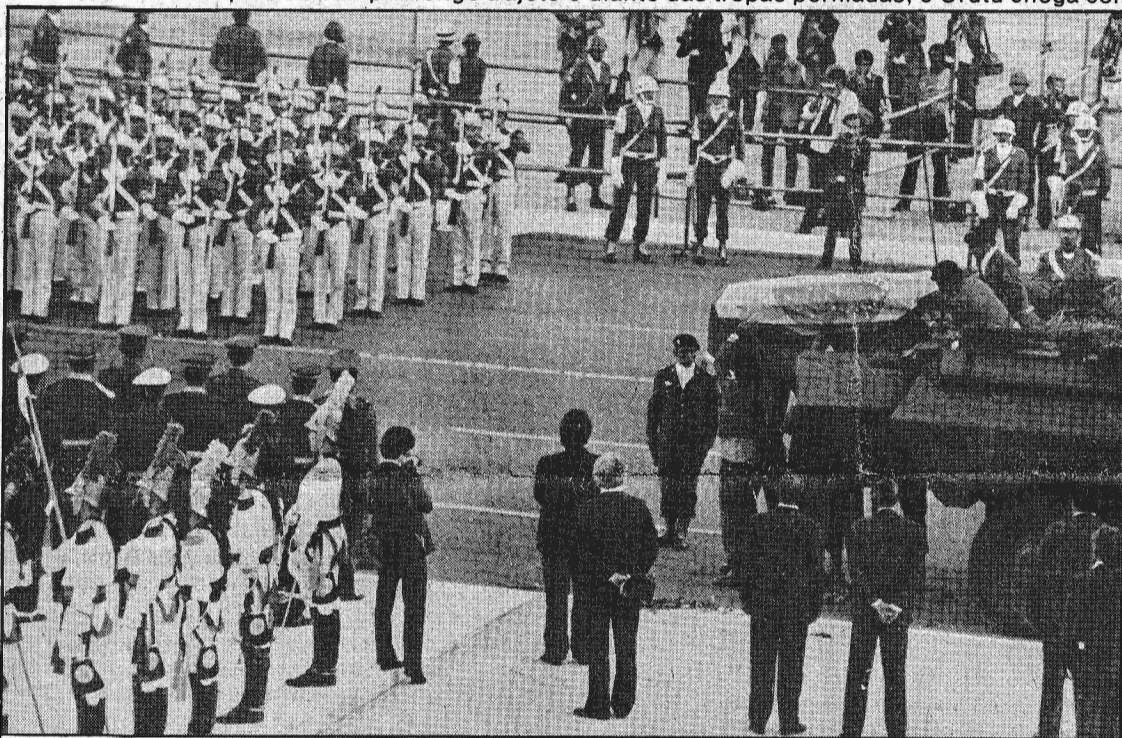
Com a despedida ao esquife no Planalto, o funeral de Tancredo Neves deixa de ser uma questão de Estado. "De acordo com o protocolo de Estado, nesse momento as autoridades estrangeiras que participam do funeral ficam livres para retornar aos seus países", lembrou o ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal. Em Belo Horizonte, o protocolo fica por conta do Palácio da Liberdade.

"O protocolo deles termina aqui na porta da Igreja de São Francisco de Assis", proclamou, em São Del Rey, o prefeito Cid Valério (PMDB).

GIVALDO BARBOSA



Depois de cumprir longo trajeto e diante das tropas perfiladas, o Urutu chega com a urna funerária



Envolto com a Bandeira Nacional, o esquife é retirado do carro anfíbio Urutu



Um momento de emoção: a subida da rampa, que ele só pôde fazer depois de morto